



NUNES, Ivanildo Araujo. *La semaine, o épico bíblico sobre a criação*. In: **Revista Épicas**. Ano 5, N. 10, Dez 21, p. 153-161. ISSN 2527-080-X.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021v10.153161>

LA SEMAINE, O ÉPICO BÍBLICO SOBRE A CRIAÇÃO **LA SEMAINE, THE BIBLICAL EPIC ABOUT CREATION**

Ivanildo Araujo Nunes¹
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: A obra épica renascentista *La semaine* (1578), do escritor Guillaume de Saluste Du Bartas, foi publicada no período das guerras religiosas francesas. O poeta abordou em seu poema longo a criação do mundo, parafraseando o livro do Gênesis. No presente artigo exploramos por meio da *Semiotização Épica do Discurso* (SILVA) e de *Poemas Épicas: estratégias de leitura* (RAMALHO), elementos analíticos que contribuem para o estudo do gênero.

Palavras-chave: *La Semaine*; Du Bartas; Epos.

ABSTRACT: The epic Renaissance *La semaine* (1578), by writer Guillaume de Saluste Du Bartas, was published during the French religious wars. In his long poem, the poet addressed the creation of the world, paraphrasing the book of Genesis. In this article, we explore, through *Epic Semiotization of Discourse* (SILVA) and *Epic Poems: Reading Strategies* (RAMALHO), analytical elements that contribute to the study of the genre.

Keywords: *La Semaine*; Du Bartas; Epos.

“*La Poesie est une parlante peinture*”², escreveu o vate Du Bartas. Tal aforismo detalha bem o poema longo – dividido em sete dias (cantos), com um total de 5.701 versos, – que atravessou diversas comunidades e aos poucos foi modificando-se, dialogando com o tempo e com as culturas. É o caso da obra épica *La semaine*, de Guillaume de Saluste Du Bartas (1544-1590), epopeia que versa sobre a narrativa mosaica dos primeiros capítulos do livro primeiro do Pentateuco³, o *Gênesis*. Nele, Deus, por

¹ Doutorando em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS.

² “A poesia é imagem em palavras” (tradução nossa). DU BARTAS, 2011, p. 456.

³ Os cinco primeiros livros do Antigo Testamento.

meio de sua Palavra, ordena e tudo se faz em seis dias (Ele descansa no sétimo). Tratemos primeiro do fato de reconhecermos a obra como uma epopeia.

Muitos leitores desavisados acreditam que o gênero épico foi esquecido ou foi substituído pelo texto narrativo (romance, contos, parábolas, apólogos, fábulas e etc.). Vemos ainda, nas academias, pesquisadores analisarem a epopeia a partir da poética aristotélica. No entanto, como sabemos, todos os gêneros literários sofreram e sofrem transformações, não são estruturas cristalizadas. Por certo, ao se comparar a epopeia moderna com a clássica, é inevitável nos depararmos com elementos estéticos e estruturais completamente diferentes. E diante da atualização do gênero muitos estudiosos – Bowra, Staiger, Pollmann, Highet e tantos outros – se colocaram diante da tarefa de entender e analisar as transformações do gênero épico. O presente trabalho, nesse sentido, refletirá sobre a “matéria épica” de obra *La semaine*.

A epopeia *La semaine*, de Guillaume de Saluste Du Bartas, mostra-se diferente, caso a comparemos com o *epos* ático. O autor foi um poeta protestante, do período da Renascença, que sobreviveu ao massacre da noite de São Bartolomeu, e experienciou uma guerra religiosa que durou décadas. *La Semaine* surgiu dentro deste cruento cenário histórico. O poeta desenvolveu, sutilmente, em sua narrativa mito-poética, relatos históricos (KNECHT).

Alguns comentadores das obras de Du Bartas, como Cristine Barbolani, Yvonne Bellenger e Simon Goulart, também discutiram outras obras suas, importantes para a literatura francesa e ocidental, que orbitaram na esfera cristã: *L'Uranie* (1574), *Judit* (1574), *La Sepmaine* (1578) e *La Seconde Semaine* (1603),

O escritor e teórico de literatura francesa Georges Pellissier (1852-1918) abordou a versatilidade de Du Bartas e demarcou o quanto a obra do poeta gascão é um artifício de adoração ao Criador:

De fait, ses poèmes sont avant tout des épopées par la nature du sujet et l'élévation du ton; mais elles sont en partie « panégyriques », puisqu'il y célèbre Dieu et la religion, en partie « prophétiques », si l'on considère certains épisodes où il dérobe aux prophètes leur inspiration ; en partie « didascaliques », par son intention bien arrêtée d'instruire le lecteur et par les leçons qu'il emprunte sans cesse à la description des oeuvres divines ou au récit de l'histoire sacrée⁴ (PELLISSIER, 1882, p. 89).

A “Semiotização épica do discurso” (1984), engendrada por Anazildo Vasconcelos da Silva, dá-nos uma orientação de como reconhecer características do gênero épico, desde o(s) antigo(s) até o(s) contemporâneo(s). Em linha gerais, as características básicas fundamentais que estabelecem o gênero são: a matéria épica, a dupla instância de enunciação, o plano histórico, o plano maravilhoso, o plano

⁴ Na verdade, seus poemas são, antes de tudo, épicos, pela natureza do tema e pela elevação do tom; mas são em parte "panegíricos", uma vez que celebra Deus e a religião, em parte, "proféticos", se alguém considerar certos episódios em que ele rouba sua inspiração dos profetas; em parte "didascálica", por sua intenção consagrada de instruir o leitor e pelas lições que ele constantemente toma emprestado da descrição de obras divinas ou da narrativa da história sagrada (tradução nossa).

literário e o heroísmo épico. Tem-se, também, três características que não são essenciais, mas aparecem ocasionalmente: a proposição, a invocação e a divisão em cantos.

A contribuição de Silva vai de encontro às abordagens e/ou análises que se debruçam ainda sobre a *Poética*, de Aristóteles. O filósofo de Estagira desenvolveu uma crítica no que tange às obras áticas: teatro e epos, não obstante, há muito suas reflexões têm sido utilizadas como um modelo analítico atemporal. Sobre isso, afirma Silva:

(...) Aristóteles foi obrigado a projetar a questão da criação artística no âmbito da reflexão filosófica, elaborando então proposições verdadeiramente teóricas e, por isso mesmo, de alcance ilimitado, tais como os conceitos de verossimilhança, mimese, catarse etc., que extrapolam a formulação crítica dos gêneros literários. Reconhecer a natureza crítica da proposição aristotélica não diminui em nada a importância dela, e nem de longe afeta a originalidade e a relevância da contribuição de Aristóteles para o estudo da epopeia (SILVA e RAMALHO, 2007, p.48-49).

Além deste problema conceitual, temos ainda o problema anacrônico. Muitos analisam obra épicas antigas como *A divina comédia* (1472), *Os Lusíadas* (1572), *Paradise Lost* (1667) ou mesmo obras épicas mais atuais como *Latinomérica* (2001) ou *Trigal com corvos* (2004), usando como paradigma o epos grego.

Sob um viés diferente, a partir de sua semiotização do discurso épico, Silva enfatiza que o gênero porta consigo uma particularidade estrutural, uma dupla instância de enunciação:

A forma como as instâncias *lírica* e *narrativa* incidirão para a elaboração do texto épico e o modo como a matéria épica será apresentada variarão sempre em função da concepção literária à qual determinado poema se prende. Ou seja, de forma bem simples, a partir dessa proposta, identifica-se como épico ou epopeia todo poema que desenvolva uma matéria épica por meio da dupla instância de enunciação *lírica* e *narrativa* (RAMALHO, 2014, p.39).

Já a “proposição épica” é outro elemento do epos. Pode estar nomeada no texto ou não, pode ser em prosa ou verso. Ela define o momento em que o eu lírico/narrador aponta o tema que será abordado. Geralmente, aparece na abertura da obra épica. A proposição traz relevância para a marcação do ritmo de leitura. Pode se apresentar de variadas formas: objetiva, referencial, metalinguística, metafórica ou até mesmo simbólica. Segundo a *Estratégia para leitura da poesia épica* (2014), de Christina Ramalho, a presença da proposição épica pode apresentar os seguintes aspectos:

I. A proposição quanto à forma e à inserção na epopeia:

- (1) proposição não nomeada integrada ao primeiro canto;
- (2) proposição nomeada, em destaque e em forma de prosa;
- (3) proposição nomeada, em destaque e em forma de poema;
- (4) proposições múltiplas;
- (5) proposição dispersa ou multifragmentada;
- (6) proposição ausente.

- II. A proposição quanto ao centramento temático:
- (a) enfoque no feito heroico;
 - (b) enfoque na figura do herói;
 - (c) enfoque no plano histórico;
 - (d) enfoque no plano maravilhoso;
 - (e) enfoque no plano literário;
 - (f) múltiplos enfoques (a matéria épica em sua dimensão mais ampla).

- III. A proposição quanto ao conteúdo:
- (1) referencial;
 - (2) simbólica;
 - (3) metalinguística.
- (RAMALHO, 2014, p. 40-41)

Podemos classificar a proposição quanto à forma e à inserção na epopeia *La Semaine*, um caso de proposição nomeada, em destaque e em forma de poema (3). No que diz respeito ao conteúdo, este enfoca o aspecto referencial, pois, reporta ao texto canônico religioso, sobretudo, os seis primeiros cantos (dias). Quanto à proposição, ou seja, quanto ao centramento temático, o enfoque é o plano maravilhoso (d). O narrador, desde os primeiros versos do seu “poema longo”, declara que cantará “o nascimento do mundo”, fazendo uma alusão ao livro das origens veterotestamentário.

*O grand Dieu, donne moy que j'estale en mes vers
Les plus rares beautez de ce grand univers.
Donne moy qu'en son front ta puissance je lise:
Et qu'enseignant autruy moy-mesme je m'instruise*⁵ (Premier jour, v. 9-12)

Nessa proposição verifica-se, também, a presença da invocação épica, outra categoria que abordaremos aqui.

A invocação épica configura-se como uma ferramenta pragmaticamente retórica. Ora, o eu lírico-narrador invoca os poderes ou benesses de um ser superior, para auxiliá-lo na poiética:

Assim, invocando a “musa”, ou, em épocas posteriores, figuras relacionadas à perspectiva judaico-cristão, as musas humanas, forças elementais ou mesmo figuras simbólicas, a figura coletiva do povo, a da pátria personificada, a do pressuposto leitor, a do herói ou a da heroína como interlocutores etc., o poeta registra seu pedido de inspiração, amparo, energia e clareza, para que o resultado seja adequado à matéria épica enfocada (RAMALHO, 2014, p. 41).

Não que o artista seja inapto, mas a obra para alcançar um novo patamar, deve ser direcionada por algo ou alguém “maior”. É evidente que, dado o momento histórico, a invocação pode ser “desconstruída” ou remontada, na forma de gracejo.

No que tange à obra *La Semaine*, além do que já se comentou em relação à proposição, o autor efetua, logo nos primeiros versos do *Dia Primeiro*, “a invocação judaico-cristã”, pois pertence à esfera

⁵ Ó grande Deus, que esteja em meus versos
As mais raras belezas deste grande universo.
Dá-me sua mente para eu poder ler:
Q'eu ensine, mas possa aprender (tradução nossa).

religiosa protestante e ao livro(s) sagrado(s) Torá/Bíblia: “O Pere donne moy que d'une voix faconde / Je chante à nos la postérité: la naissance du monde”⁶. (Dia I, verso 7-8)

Quanto ao “posicionamento da invocação”, este é “reincidente”, pois repete-se nos dias (cantos), que se seguem. Buscando em Deus auxílio para continuar o seu trabalho como menestrel:

*Ce peu d'art et d'esprit que le ciel m'a donné
A l'honneur du grand Dieu, pour nuict et jour escrire
Des vers que sans rougir la vierge puisse lire.
Cler surjon de doctrine, ame de l'Univers,
Puis qu'il t'a pleu choisir l'humble ton de mes vers*⁷ (Premier jour, v. 28-32).

A “Alma do Universo” é uma referência que o poeta faz ao Espírito Santo no *Dia Primeiro*, no verso 293. Então, ele retoma a expressão no *Dia Segundo*, como ação invocatória, pois, a terceira Pessoa da Trindade impele o homem a falar de Deus⁸.

Quanto ao conteúdo da invocação, este é “metatextual”, pois é focado no fazer poético: o objetivo desta invocação é, por meio do suposto apoio do/a invocado/a, poder apossar-se dos elementos necessários para a composição épica, sejam eles de natureza estética, referencial, mítica etc. (RAMALHO, 2013, p. 63).

No que diz respeito à divisão de cantos, o livro *La Semaine*, obedece à função “episódico-narrativa”. Assim como, na estrutura narrativa do *Bereshit/Gênesis*, o autor executa cronologicamente e de maneira episódica os cantos (dias).

Na tradição judaica (*Torá – Bereshit*) e na tradição cristã (*Bíblia-Gênesis*), Deus criou o mundo e tudo que nele existe: “No princípio, Deus criou os céus e a terra⁹.”. Narrado pelo patriarca Moisés (*Móshe*), este como escriba, transcreveu aquilo que Deus lhe revelou¹⁰. A partir desta perspectiva, o poeta huguenote francês, Guillaume de Salluste du Bartas (1544 — 1590), utiliza como argumento os dois primeiros Capítulos do *Bereshit/Gênesis*, para criar sua obra épica *La Semaine* (1578).

Assim como o livro do Gênesis, em *La semaine*, quando Deus fala e o mundo é criado. Os sete cantos, um para cada dia, são divididos da seguinte forma:

1º dia: Criação do dia e separação da noite (766 versos);

2º dia: Separação entre águas e céus (1160 versos);

3º dia: Terra seca e vegetação, as águas Ele chamou de mares (992 versos);

4º dia: Corpos celestes: sol, lua e estrelas (788 versos);

⁶ Ó Pai dê-me na voz tom fecundo
Q'eu cante a nossa posteridade, o nascimento do mundo.

⁷ Este pouco de arte e espírito que o céu me doou
Em honra ao grande Deus, noite e dia a anotar
Versos que a virgem pode ler sem corar.
Fonte de Aprendizagem clara, Alma do Universo,
Então faz chover no tom humilde do meu verso (tradução nossa).

⁸ 2 Pedro 1:20-21

⁹ Gênesis 1:1

¹⁰ No Antigo Testamento, bem como na Torá, por várias vezes é dito que os cinco primeiros livros (pentateuco) foram escritos por Moisés: Josué 1:7-8; 23:6; I Reis 2:3; II Reis 14:6; Esdras 3:2; 6:18; Neemias 8:1; Daniel 9:11-13. Outrossim, no Novo Testamento: Atos 13:39; 15:5; Hebreus 10:28.

5º dia: Animais aquáticos e aves (1118 versos);

6º dia: Animais terrestres e o ser humano (1054 versos);

7º dia: O descanso – *Shabat* (716 versos).

Quanto ao reconhecimento do lugar da fala autoral, podemos apontar, no plano literário da obra, “uma voz alienada”. Du Bartas como huguenote, compartilhava da fé no Deus trino, cujo poder criou o mundo, em seis dias, e, no sétimo, repousou.

Outro detalhe do gênero épico é que ele é uma amálgama de dois planos: o histórico e o mítico. O aspecto histórico obedece uma cronologia e é ancorado no real. Muitas obras épicas exploram o prisma da história: *A Ilíada* (guerra de Tróia); *Eneida* (origem de Roma); *Os Lusíadas* (expansão marítima europeia); *O Uruguai* (massacre indígena); *Colombo* (o navegador genovês). Já o aspecto mítico reafirma o viés literário, criando um diálogo com a história propriamente dita. Podemos usar como exemplos obras como *Os Lusíadas*, em que o gigante Adamastor personifica o Cabo das Tormentas, ou mesmo, na *Ilíada*, em que os deuses operam na guerra de Tróia:

Entre eles qual dos deuses provocou o conflito?
Apolo, filho de Leto e de Zeus.
Enfurecera-se o deus contra o rei e por isso espalhou
Entre o exército uma doença terrível de que morriam as hostes,
Porque Atrida desconsiderara Crises, seu sacerdote.
(HOMERO, 2013, p.8).

O discurso mítico é algo riquíssimo (ELIADE, 2000) e, conforme acentuado, faz parte da matéria épica. O mito permeia várias culturas (CAMPBELL, 2001), (ENUMA ELISH, 1994), (HESÍODO, 1991), e é uma teia de símbolos (CHEVALLIER & GHEERBRANT). Também é um discurso que orbita o viés religioso (CASSIRER, 2009), além do viés literário (BRUNEL, 2005). Ao narrar a semana da criação, poema *La semaine* faz uso do discurso bíblico (TILLICH, 2009) e do enaltecimento da mítica cristã.

O filósofo Cassirer acentuou que a linguagem, o mundo mítico-religioso e a arte se apresentam como outras tantas formas simbólicas particulares (1956, p. 163). Porém, há uma certa resistência ao associar Mito e Religião, sobretudo, entre os pesquisadores da(s) área(s) que consideram discursos opostos. Para o mitologista Joseph Campbell, são discursos muito próximos. Para ele, a religião pode ser entendida como uma incompreensão popular da mitologia, já a mitologia seria um sistema de imagens que dota a mente e os sentimentos de um sentido de participação, num campo de significados (2002, p.22).

Os mitos fundadores são os dos mais comuns nas comunidades, aquilo que Campbell nomeia como “relatos de Criação”. Além dos livros com temáticas religiosas, algumas obras épicas retomam esse Mito: *Enuma Elish* (mito de criação babilônico); *Atracsis* (mitologia suméria sobre a criação); *Paraíso Perdido* (o pecado original) e *La Semaine* (crença judaico-cristã). O presente trabalho debruça-se sobre a obra *La Semaine*, um poema longo pouco conhecido no Brasil, mas publicado em diversos países.

Quanto à dimensão real, o relato mítico constrói por meio do caos, o mundo sem forma, sem ordem, algo que, historicamente, Du Bartas refere-se às guerras religiosas (PERNOT, 1987), e por meio do seu poema, ele aponta que Deus traz tudo a ordem. Essa paráfrase, poeticamente organizada, reafirma o monoteísmo calvinista de Du Bartas, em seus sete cantos (que correspondem aos dias). La *Semaine* passeia pela cronologia da Criação, mostrando a totalidade dela, como destacou Santo Ambrósio:

Pois, a totalidade das coisas visíveis são o céu e a terra, que parecem dizer respeito não só ao ornamento deste mundo, mas também a um sinal das coisas invisíveis; são uma espécie de argumento daquelas que não se veem, como naquela palavra profética: Os céus narram a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de sua mão (2009, p.14).

Assim, como em Moisés, em Du Bartas, a palavra imperativa de Deus fez tudo surgir: “Pois ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo surgiu¹¹”. A Palavra de Deus, não apenas, transformou o mundo disforme em algo habitável e “bom”, mas também “(...) convocou à existência elementos inexistentes¹²”.

*Qui, volant à l'entour, donnoit le jour par ordre
Aux embrouillez climats de ce gouffreux desordre,
Comme ores faict Titan, qui parle ciel porté
Est le char flamboyant de la mesme clarté:
Il n'eust pas si tost dit, LA LUMIERE SOIT FAITE,
Que ce Masse s'achemine à sa forme parfaite
Et laisse, illuminé des rais d'un grand flambeau¹³ (Premier jour, v. 175-181)*

Du Bartas imputa, no seu poema longo, o texto sagrado, respeitando a ordem das coisas conforme vão sendo criadas: “*L'Architecte du monde ordonna qu'à leur tour/ Le jour suivist la nuict, la nuict suivist le jour* (Premier jour, v. 497-498)¹⁴”.

Outro filósofo da *Patrística* acentuou o poder da Palavra do Criador:

Deus não executa suas obras mediante movimentos temporais de seu espírito ou de seu corpo, como as executa o homem ou o anjo, mas pela eterna e inmutável e permanente razão de seu Verbo coeterno com ele, e por um certo calor, se assim posso falar, de seu santo Espírito igualmente coeterno (AGOSTINHO, 2005, p.30).

Ora, esse Verbo (logos), descrito por Santo Agostinho, diz respeito ao Evangelho escrito por S. João, em que há uma intertextualidade que retoma o texto da Criação:

¹¹ Salmos 33:9

¹² Romanos 4:17

¹³ Quem, pairando em torno, deu o dia por ordem
Para confundir o clima nesta horrível desordem
Como os minérios titânicos, quem do céu introduz
É a carruagem flamejante, semelhante luz:
Não foi tão cedo dito, A LUZ SEJA FEITA,
Que esta Massa se mova para sua forma perfeita
E deixe, iluminado pelos raios de uma grande tocha (tradução nossa).

¹⁴ O Arquiteto do Mundo ordenou que, por sua vez/ O dia seguiu a noite, a noite seguiu o dia (tradução nossa).

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Tudo foi feito por ele; e nada do que tem sido feito, foi feito sem ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. (João 1:1-4).

O Verbo (logos), como instrumento para a Criação, é um fator relevante para Du Bartas. Além de dialogar com o divino, metalinguisticamente, ele explora sua estética.

Silva, também demarcou as muitas matrizes épicas que surgiram, no decorrer da história, como o *Modelo Épico Renascentista*, uma manifestação do discurso épico, no século XVI, imbuído pela matriz épica clássica e eivada pela concepção literária renascentista (2007, p.74).

A leitura da obra épica *La semaine* se faz a partir do modelo renascentista. Houve outras obras de época que se ajustam a este modelo: *Orlando furioso*, de Lodovico Ariosto (1474-1533), *La Franciade*, de Pierre de Ronsard (1524- 1585), *Araucana*, de Alonso de Ercila (1533-1594), *The Faerie Queene*, de Edmund Spenser (1552?-1599) e *Gerusalemme liberata*, de Torquato Tasso (1544-1595). Outro detalhe é que o modelo épico renascentista, assim como o modelo barroco, retoma a diretriz romana e grega, conforme já foi acentuado. Nesse conjunto de manifestações épicas, a obra mais conhecida é *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (1524-1580), escrito em português-lusitano. A obra é amplamente conhecida, sendo equiparada à odisséia homérica. *La semaine*, no entanto, nunca teve uma tradução para o português.

Como se vê, há um amplo espaço para reflexões críticas acerca de *La semaine* e de suas especificidades épicas, com destaque para a presença do plano maravilhoso cristão. *La semaine* não só comprova a permanência e as transformações do gênero como se insere numa categoria importante da produção épica: a epepeia religiosa.

Referências bibliográficas

ALVES, Fábio. Unidades de tradução. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2014.

A EPOPEIA DE GILGAMSEH. Trad. Carlos Daudt de Oliveira. 2a ed. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

AGOSTINHO. **Comentário Literal ao Gênesis**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.

ARISTÓTELES. **Poética**. In: ARISTÓTELES. Obras. Madrid: Aguilar, 1973.

BARBOLANI, Cristina. **Las traducciones al castellano de la première semaine de Du Bartas**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007.

BELLENGER, Yvonne. **Les éditions de la semaine**. In: *La Semaine ou Creation du monde*. In: DU BARTAS, Guillaume. Édition dirigée par Jean Céard. Paris: Classiques Garnier, 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **Isto és tu: redimensionando a metáfora religiosa**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Landy, 2002.

- CASSIRER, Ernest. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CASSIRER, Ernest. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHEVALLIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos** - 2. ed. Trad. Vera da Costa e Silva e outros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- DU BARTAS, Guillaume. **La Sepmaine ou Creation du monde** - Tome 1. Annotations de Pantaleon Thevenin. Paris: Classiques Garnier, 2011.
- DU BARTAS, Guillaume. **La Sepmaine ou Creation du monde** - Tome 2. Édition dirigée par Yvonne Bellenger. Paris: Classiques Garnier, 2011.
- DU BARTAS, Guillaume. **La Sepmaine ou Creation du monde** - Tome 3. Édition dirigée par Jean Céard. Paris: Classiques Garnier, 2012.
- DU BARTAS, Guillaume. **La Sepmaine ou Creation du monde**. Paris: Actes Sud, 1988.
- DU BARTAS, Guillaume. **The Divine Weeks**. Trad. Josuah Sylvester. Oxford: OUP, 1979.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ENUMA ELISH**: Poema babilónico de la Creación, Madrid, Editorial trota, 1994.
- GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário de Mitologia Grega**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- ILÍADA**. Homero. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.
- JOSEFO, F. **História dos hebreus**. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- KNECHT, Robert Jean. **The French Religious Wars, 1562-98**. Osprey Publishing: UK. 2002.
- OTTONI, P. (org.). **Tradução: a prática na diferença**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP: FAPESP, 1998.
- PAES, J. P. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Ática, 1990.
- PELLISSIER, Georges. **La Vie et les œuvres de Du Bartas, thèse présentée à la Faculté des lettres de Paris**. Paris: Hachette, 1882.
- PERNOT, Michel. **Les guerres de religion en France, 1559-1598**. Paris: SEDES, 1987.
- RAMALHO, Cristina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes, o epos de a nação solar no cosmos da épica universal**. Aracaju: Editora ArtNer, 2015.
- RAMALHO, Christina. **Poemas Épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.
- SANTO AMBRÓSIO. **Examerão**. Os seis dias da criação. São Paulo: Paulus, 2009.
- SCHÜLLER, Arnaldo. **Dicionário enciclopédico de teologia**. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da Epopeia Brasileira: Das origens ao século XVIII**. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2015.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da Epopeia Brasileira: teoria, crítica e percurso**. Vol-1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.